

A necessidade de refletir sobre as estratégias pedagógicas para atender à aprendizagem da Geração Y

*The need to reflect on teaching
strategies to meet the Y Generation
learning needs*

Débora Castanha

Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo e diretora do Colégio Metodista de São Bernardo do Campo. E-mail: debora.castanha@metodista.br

Maria Bernadete de Castro

Especialista em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo e coordenadora pedagógica do Colégio Metodista de São Bernardo do Campo. E-mail: maria.castro@metodista.br

RESUMO

Atualmente, o grande desafio para as escolas é como trabalhar com jovens cada vez mais envolvidos com novas tecnologias, bombardeados pelos apelos da mídia, fascinados pela internet e manipulados pelo poder da sociedade de consumo. Esses jovens, que, em sua grande maioria, pertencem à Geração Y, cresceram em um mundo relativamente estável, sob grande influência dos mecanismos tecnológicos. Ganham autoestima e não se sujeitam a atividades que não fazem sentido a longo prazo. Sabem trabalhar em rede e lidam com autoridades como se elas fossem colegas de turma. Possuem muita informação, mas não têm conseguido transformar essas informações em construções sociais que atendam a outros interesses que não exclusivamente os seus. É enorme o descompasso tanto entre alunos e professores como entre o processo educacional implementado pela maioria das escolas e a efetiva aquisição do conhecimento. Cada vez mais o desinteresse e a falta de envolvimento dos jovens pelos estudos são temas de reuniões pedagógicas e de

conversas entre professores. É compreensível que os educadores estejam emocionalmente desgastados e desanimados, pois nos últimos tempos vêm empreendendo verdadeiras batalhas para obter a atenção dos alunos nas aulas. Precisamos rever as estratégias de ensino e repensar a atuação do professor. É necessário e urgente estabelecer um elo entre alunos e professores para que a aprendizagem possa de fato acontecer.

Palavras-chave: Geração Y. Estratégias de aprendizagem. Formação docente.

ABSTRACT

Currently, the major challenge for schools is how to work with young people increasingly involved with new technologies, bombarded by calls from the media, fascinated by the internet and manipulated by the power of consumer society. These young people, who mostly belong to the Y Generation, have grown up in a relatively stable world under the great influence of the technological mechanisms. They have gained self-esteem and do not bow to activities that do not make sense in the long term. They know how to network and deal with authorities as if they were classmates. They have much information, but have not been able to transform this information into social constructions that serve interests other than solely their own. The gap both between students and teachers and also between the educational process implemented by most schools and the effective acquisition of knowledge is enormous. Increasingly, the disinterest and lack of involvement of the youth in the study is the subject of educational meetings and conversations among teachers. It is understandable that educators are emotionally worn out and discouraged, because in recent times they have been undertaking real battles to get students' attention in class. We need to review teaching strategies and rethink the role of the teacher. It is necessary and urgent to establish a link between students and teachers so that learning can indeed happen.

Keywords: Y Generation. Learning strategies. Teacher training.

RESUMEN

En la actualidad, el principal desafío para las escuelas es cómo trabajar con jóvenes cada vez más involucrados con las nuevas tecnologías, bombardeados por la invitación de los medios, fascinados por la Internet y manipulados por el poder de la sociedad de consumo. Estos jóvenes, que en su mayoría pertenecen a la Generación Y, han crecido en un mundo relativamente estable bajo la gran influencia de los mecanismos tecnológicos. Ellos desarrollaron su autoestima y no se sujetan a actividades que no tienen sentido a largo plazo. Saben como trabajar en red y tratan a las autoridades como si estas fuesen compañeros de clase. Tienen mucha información, pero no han logrado transformar esta información en construcciones sociales que sirvan a otros intereses además que los suyos. Es enorme la brecha tanto entre estudiantes y profesores como entre el proceso educativo implementado por la mayoría de

las escuelas y la efectiva adquisición de conocimientos. El desinterés y la falta de participación de los jóvenes en los estudios es cada vez más el tema de las reuniones educativas y de conversaciones entre los profesores. Es comprensible que los educadores estén emocionalmente agotados y desanimados, porque en los últimos tiempos han llevado a cabo verdaderas batallas para conseguir la atención de los alumnos en clase. Es necesario revisar las estrategias de enseñanza y replantear el papel del profesor. Es necesario y urgente establecer un vínculo entre los estudiantes y profesores, para que el aprendizaje de hecho pueda ocurrir.

Palabras claves: Generación Y. Estrategias de aprendizaje. Formación del profesorado.

Introdução

Temos vivido o desafio de trabalhar com jovens, nascidos nas décadas de 1980 e 1990, que durante muito tempo foram rotulados de sem ideal, sem perspectivas, indisciplinados e imediatistas. O convívio, nas escolas, com essa juventude tem frequentemente gerado conflito na relação professor-aluno.

Vivemos em um tempo singular em que percebemos inúmeros acontecimentos a nossa volta, processos de mudança cada vez mais acelerados; mal temos tempo de nos acostumar a uma mudança, já temos outra chegando, tudo isso regado a muita informação que vem pelos mais diferentes canais de comunicação. Percebemos que a geração Y, que compreende os nascidos entre 1980 e 2000, não responde significativamente a modelos educativos centrados no professor, em estratégias convencionais ou modelos de palestras; são necessárias abordagens diferenciadas que criem um espaço de comunicação entre o professor e o aluno.

Até bem pouco tempo atrás, o processo educativo era absolutamente centrado no professor, o qual possuía uma sabedoria ímpar e era o provedor de conhecimentos e informações para que seus alunos pudessem conduzir suas vidas. A dependência à sabedoria docente era absoluta, o conhecimento era propriedade do professor e a única forma de acessá-lo era ouvindo-o.

Desde então, muitas mudanças ocorreram: as informações e o conhecimento historicamente construídos estão disponíveis com muita facilidade e a quase todas as pessoas, basta um clique e podemos ter em mãos todas as informações de que necessitamos. Os nossos jovens vivem neste mundo imediato, sempre conectados, obtendo as informações de que precisam a partir do uso dos diferentes recursos tecnológicos e do acesso aos meios de comunicação.

Se um estudante do século XX entrasse nas escolas de hoje, se espantaria com o comportamento apresentado pelos seus colegas e com a quantidade de equipamentos eletrônicos que cada um deles

A geração Y não responde significativamente a modelos educativos centrados no professor, em estratégias convencionais ou modelos de palestras

Os nossos jovens vivem neste mundo imediato, sempre conectados

traz em suas mochilas. Mas, com pouca possibilidade de erro, não teria nenhum espanto ao entrar em uma sala de aula e encontrar: lousas, mesas enfileiradas, professor à frente da sala; esta cena lhe seria absolutamente familiar.

Se um estudante do século XX entrasse nas escolas de hoje, se espantaria com o comportamento apresentado pelos seus colegas

Esta é a grande tarefa da educação em nossos dias: a geração Y chega à escola conectada com o mundo, desafia diariamente as estratégias pedagógicas utilizadas, pois muitos alunos já construíram diferentes formas de pensar e de aprender. A escola que temos, que se propõe a ensinar esses jovens, pouco se modernizou nos últimos séculos. Diante dessa constatação, alunos digitais e sistema analógico, é necessário um momento de reflexão que possibilite a construção de diferentes formas de aprender. Precisamos pensar a forma de construir conhecimento desses jovens, modificar a maneira de se relacionar com eles, propor uma nova geografia para os espaços de aprendizagem e rever a formação dos professores.

O contexto das diferentes gerações

Quando nos relacionamos com grupos tão diferentes, a convivência torna-se um desafio

O convívio com as diferentes gerações faz parte da história. Quando nos relacionamos com grupos tão diferentes, a convivência torna-se um desafio, os relacionamentos passam a ser mais complexos e constantemente nos encontramos a pensar estratégias de como compreender atitudes, características e formas de pensar e viver tão distintas. Abaixo trataremos algumas características das quatro últimas gerações, para compreendermos melhor as situações que muitas vezes vivenciamos nas salas de aula.

A geração *Belle Époque* ou Tradicional reporta-se aos nascidos entre os anos 1920 e 1940. Viviam o mundo mergulhado em uma grande depressão econômica e muitas pessoas fugindo da intolerância da Primeira Guerra Mundial. Nesse período, poucas eram as alternativas para a juventude. Os jovens tinham a opção de se dedicarem a uma carreira militar ou a tornarem-se operários nas indústrias. Dentre suas principais características, podemos citar a submissão sem questionamento, respeito às tradições, forte tendência à fidelidade no trabalho, regras muito severas nunca quebradas ou questionadas. Nesse período, tínhamos a disciplina, a honra, o respeito e a organização eram definidores dos comportamentos.

A geração *Baby Boomers* está associada àqueles nascidos entre os anos 1940 e 1960. Diferente da geração anterior, os jovens estavam dispostos a atuarem de forma a quebrar as regras e estruturas convencionais; suas escolhas estavam associadas à transgressão do estabelecido. Durante esse período, vários movimentos culturais foram criados.

A geração X compreende os nascidos entre 1960 e 1980. Em oposição aos rebeldes da geração anterior, grandes contestadores, essa geração foi tomada por uma apatia social. A música foi a forma de engajamento

e expressão de valores mais adotada. Essa juventude sempre teve o cuidado de não expor suas opiniões para garantir a estabilidade.

A geração Y, composta por aqueles nascidos entre 1980 e 2000, é oriunda de modelos familiares mais flexíveis, nos quais a convivência com os pais é bem diferente. Os nascidos nesse período possuem muitas informações, mas ainda não descobriram como lidar com elas de forma construtiva. A tecnologia faz parte da vida desses jovens desde o nascimento, eles vivem “antenados” e na grande maioria das vezes conhecem tudo sobre tecnologia e auxiliam muitos de nós na instalação e uso de aparelhos eletrônicos. São fascinados pelas provocações propostas pelos jogos de videogame e estão sempre em busca de um novo desafio. Em contrapartida, quando olhamos para o processo de aprendizagem, muitos deles apresentam resultados medianos ou insatisfatórios e alto grau de apatia na realização das atividades propostas.

Convivemos em um mesmo espaço com a diversidade dessas gerações. Os avanços científicos, a crescente preocupação com as políticas de saneamento básico, o acesso às informações, os serviços de saúde e a preocupação com a qualidade de vida têm contribuído para o aumento da expectativa de vida.

As diferenças de atitudes entre essas gerações têm provocado mudanças nas escolhas, nas expectativas e nas motivações das pessoas. Essas mudanças alteram profundamente a qualidade das relações e provocam desgastes e perda de energia. Para Oliveira (2010, p. 60),

As cinco gerações que convivem atualmente manifestam influências mútuas e possuem peculiaridades fundamentais que afetam o relacionamento e provocam, em muitos casos, omissão e apatia nas gerações mais experientes, estabelecendo um grande vazio na formação das novas.

A apatia, de que fala o autor, tem sido cotidianamente sentida em nossos espaços escolares. Como educadores, sabemos que o processo de aprendizagem é relacional e, como tal, precisa estar instituído no coração do currículo. A necessidade do estabelecimento do vínculo é fundamental. O docente precisa conhecer e fazer uso das ferramentas tecnológicas utilizadas pelos alunos. Essa pode ser uma das estratégias de estabelecer esse vínculo.

Não é possível para o educador, em nome do cumprimento de um currículo, desconsiderar todos os avanços tecnológicos e as mudanças geracionais existentes. Nosso modelo curricular continua desatualizado e os alunos, que diariamente acessam os espaços escolares, estão conectados ao mundo, à vida; querem descobrir, não lhes interessa qual currículo está sendo utilizado. A pergunta sempre presente é: qual o sentido desse conhecimento para a minha vida?

O docente precisa conhecer e fazer uso das ferramentas tecnológicas utilizadas pelos alunos. Essa pode ser uma das estratégias de estabelecer esse vínculo

Nosso modelo curricular continua desatualizado e os alunos, que diariamente acessam os espaços escolares, estão conectados ao mundo, à vida

Para Freire (2002), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”. Qual tem sido a nossa contribuição como escola para a efetivação dessa produção? Como temos atuado como professores para mediar essa construção? É necessário permitir que esses jovens, ávidos pela informação, passem a utilizá-la como ferramenta para a construção de conhecimentos que tenham relevância social.

Conforme podemos constatar, é urgente repensar nossas práticas pedagógicas para atender às necessidades de formação das novas gerações. Somente investimentos em tecnologia não são suficientes para trabalhar com essa geração que vive plugada, que é impaciente e imediatista. É preciso qualificar melhor os professores no ambiente de trabalho. É urgente que cada professor reflita sobre sua prática e avalie o quanto ela está atualizada para atender as demandas do alunado. Somente dessa forma será possível repensar o modelo atual.

O professor neste contexto

Não podemos ser ingênuos e desconsiderar que todas essas mudanças denotam o agressivo processo de globalização a que todos estamos submetidos. Esse processo chegou, para a grande maioria dos professores, sem aviso prévio, mas ele é uma realidade; ou mudamos nossa forma de fazer educação ou estaremos mais uma vez fadados ao insucesso.

A mudança é irreversível. O modelo pedagógico atual não pode ter o professor como centro do processo. Ele já não é mais o detentor de informações, pois estas estão disponíveis a todos que possam acessar a rede. A necessidade de repensar as práticas e metodologias utilizadas é cada vez mais urgente. Não podemos mais aceitar uma atuação em que o professor permanece de costas para o aluno, utiliza cotidianamente a mesma metodologia e os mesmos recursos, não buscando conexão com o mundo conectado dele.

Há muito tempo, está claro que o exercício da profissão docente, assim como várias outras, não pode ter na graduação a única fonte formativa. É necessário que o professor esteja atento à necessidade da formação continuada, que não pode ser de responsabilidade exclusiva das instituições onde ele está inserido. É preciso perceber que, na formação continuada, a nossa prática é consolidada, constitui-se a identidade profissional e se estabelece sintonia com as novas competências que precisamos desenvolver, bem como com aquelas que se esperam desenvolver nos alunos.

De acordo com Lévy, a necessidade por formação continuada é cada vez mais urgente. É preciso uma mudança qualitativa no sentido da construção de processos de aprendizagem que incentivem a reflexão. Para o autor, o professor deve perceber a inteligência coletiva existente

Não podemos mais aceitar uma atuação em que o professor permanece de costas para o aluno, utiliza cotidianamente a mesma metodologia e os mesmos recursos

O exercício da profissão docente não pode ter na graduação a única fonte formativa. É necessário que o professor esteja atento à necessidade da formação continuada

no grupo e focar sua atividade “no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem dos recursos de aprendizagem etc.” (LÉVY, 1999, p. 171).

Também falando das novas competências do professor, considerando que todo profissional necessita rever constantemente sua atuação e as práticas utilizadas, Mello nos aponta a necessidade de convidar constantemente o professor a uma atitude reflexiva. É preciso que, em sua prática cotidiana, ele construa “inteligência e flexibilidade e uma mistura integrada de ciência, técnica e arte” (MELLO, 2004, p. 81).

Não é incomum encontrarmos professores cansados, desanimados, descrentes da capacidade de investigação e construção do conhecimento de seus alunos. Com certeza, eles deram o melhor de si e não conseguiram construir resultados significativos com seus alunos. É necessário analisar essa situação sob outros aspectos. Precisamos olhar o processo que vivenciamos com o auxílio de lentes multifocais. Precisamos nos distanciar e indagar se, de fato, fizemos o melhor e se conseguimos construir aprendizagens significativas com os nossos alunos.

Ainda encontramos muitas situações nas quais os alunos passam a maior parte do tempo recebendo informações e copiando propostas produzidas unicamente pelos professores. A participação efetiva dos alunos na construção do conhecimento ainda está longe da situação ideal para que a aprendizagem de fato aconteça.

De acordo com pesquisas recentes, o tempo de concentração dos alunos diminuiu de forma assustadora. Ao mesmo tempo em que ele é capaz de realizar várias ações simultaneamente, o seu poder de concentração em uma única atividade é muito baixo. Como temos analisado essas questões em nossos planos de ensino? Continuamos imaginando que eles estarão concentrados durante os 50 minutos de aula, se não utilizarmos metodologias e estratégias diferenciadas?

Os jovens usam e abusam das redes sociais, como *Orkut*, *Facebook* e *Twitter* para se comunicarem, acessam a informação de que precisam para resolver uma situação em alguns segundos. É possível trabalhar com a aprendizagem em um ambiente desprovido de tecnologia e inovação? Podemos continuar negando todo o aparato tecnológico no qual os jovens foram alfabetizados e considerá-los apenas como indisciplinados, apáticos e irreverentes? Não podemos afirmar que os jovens sempre tenham comportamentos inadequados e não estejam receptivos ao diálogo e à aprendizagem. Precisamos ouvir suas vozes e perceber que o que eles chamam de aula interessante, de aprendizado “legal” está associado à sua participação efetiva no processo de aprendizagem e na utilização de diferentes estratégias e recursos pedagógicos e tecnológicos.

É preciso que o professor repense a sua forma de atuação. O seu papel mais importante na atualidade é o de mediador, para que então

A participação efetiva dos alunos na construção do conhecimento ainda está longe da situação ideal para que a aprendizagem de fato aconteça

O que eles chamam de aula interessante, de aprendizado “legal” está associado à sua participação efetiva no processo de aprendizagem e na utilização de diferentes estratégias e recursos pedagógicos e tecnológicos

exerça a mediação entre a informação disponível e o aluno. É necessário que crie ou mobilize espaços, recursos e estratégias mais adequados. Ele precisa ser um gerenciador do processo de aprendizagem, de forma a possibilitar a construção da autonomia e autoria dos estudantes. É preciso que os alunos aprendam a aprender. Esta é uma das formas de possibilitar que construam conhecimentos significativos.

Precisamos perceber que as tecnologias educacionais existentes estão cada vez mais focadas no aluno. Uma aula de laboratório não é essencialmente aquela que vivenciamos em nosso processo formativo; é possível realizar experiências a partir de simuladores e até mesmo considerando uma sala de aula virtual. Existem aqueles que contestam tal experiência; no entanto, precisamos analisar e avaliar a situação, pois muitos de nossos alunos não teriam oportunidade de realizar grande parte dos experimentos sem o uso da tecnologia, seja pela falta de laboratórios equipados, seja pelo perigo que muitas das experiências apresentam em situação real.

Como fica o professor nessa situação? O aluno não depende mais dele para realizar a experiência. Para Christensen (2009, p. 112), o professor “é aquele que, na sala com os estudantes [...], ia de aluno em aluno, ajudando cada um, individualmente, a permanecer focado e a dominar o material de uma forma consistente com o estilo de aprendizagem de cada um deles”. O contexto apresentado pelo autor retrata um professor e um grupo de alunos com fones de ouvido e conectados à aula a partir de seus *notebooks*.

À medida que os ambientes de aprendizagem transformam-se em espaços habilitados pela tecnologia, o papel do professor muda. Ele precisa estar adequado às novas tecnologias. O tempo destinado pelo professor à transmissão de conteúdos padronizados, com resultados já pré-estabelecidos não será mais necessário. Sua atuação de mediador estará focada no acompanhamento da aprendizagem de cada um dos alunos. “Os professores passarão a agir mais como orientadores e tutores de aprendizado para ajudar os estudantes a descobrir a abordagem da aprendizagem que, para eles, tenha maior sentido” (CHRISTENSEN, 2009, p. 113).

Para que essa nova forma de aprender possa ser construída, é fundamental que o professor acompanhe as inovações pedagógicas e tecnológicas que estão no foco das discussões. Se o professor não é mais o centro do processo, com toda certeza, a metodologia utilizada não pode ser a mesma: os recursos tecnológicos mudaram, são outros, a cultura digital faz parte da vida de nossos alunos.

Projetos interdisciplinares apresentam-se como uma das estratégias pedagógicas eficientes para subsidiar a aprendizagem em tempos de mudança. Eles permitem o acompanhamento do professor de forma eficaz, independente das tecnologias que estão sendo utilizadas. Dessa forma, o

À medida que os ambientes de aprendizagem transformam-se em espaços habilitados pela tecnologia, o papel do professor muda

Projetos interdisciplinares apresentam-se como uma das estratégias pedagógicas eficientes para subsidiar a aprendizagem em tempos de mudança

aluno encontrará sentido em suas aprendizagens e o professor exercerá sua função de mediador na construção de novos conhecimentos.

Projetos interdisciplinares: uma proposta necessária

A proposta interdisciplinar veio em contraposição à fragmentação causada por uma epistemologia de cunho positivista. Existem, ainda, no âmbito educacional, crítica e resistência em relação ao trabalho com projetos interdisciplinares, relacionadas principalmente à impossibilidade em trabalhar objetivamente com os conteúdos que cada componente curricular considera relevante para a formação acadêmica dos alunos. A justificativa também se baseia no fato de que trabalhar com o campo de interesse dos alunos favorece uma visão reducionista do conhecimento. Além disso, a proposta de interdisciplinaridade consiste em ameaça ao que está institucionalizado nos espaços escolares e na autonomia dos educadores. Romper com a fragmentação disciplinar significa ter coragem de enfrentar o novo e o complexo, pois é necessário ultrapassar o campo de atuação e aventurar-se no campo do conhecimento de outras disciplinas, muitas vezes abdicando de certezas e do conforto.

Nesse contexto, cabe indagar: Que pessoas queremos formar? Qual o objetivo do nosso fazer educativo? A afirmação abaixo põe luz nessa questão, porque nos coloca diante da necessidade de promover um processo de aprendizagem em que a formação humana seja busca necessária e essencial. Com toda certeza, os jovens encontrarão pela frente sérias questões sociais e serão chamados a dar respostas aos problemas colocados pela sociedade contemporânea, e nesse contexto precisam ser instrumentalizados para enfrentar com propriedade os novos desafios.

Quando a ação educativa é a do conhecimento para a ação crítica, o ensino deve orientar-se para propor um saber escolar complexo. É preciso construir um currículo que reflita o nível de incerteza presente na vida, no qual é impossível obter uma única proposta válida e verdadeira para os múltiplos problemas que surgem em uma realidade na qual se inter-relacionam múltiplas e diferentes variáveis e dimensões. Ou seja, uma formação que facilite uma visão mais complexa e crítica do mundo, superadora das limitações próprias de um conhecimento parcelado e fragmentado do ser humano. Um conhecimento que seja global, integrador, contextualizado, sistêmico, capaz de enfrentar as questões e os problemas abertos e difusos que a realidade coloca. (ZABALA, 2002, p. 58)

Acreditamos que o trabalho com projetos interdisciplinares revela-se como possibilidade bastante promissora, principalmente quando os

Romper com a fragmentação disciplinar significa ter coragem de enfrentar o novo e o complexo

Os jovens encontrarão pela frente sérias questões sociais e serão chamados a dar respostas aos problemas colocados pela sociedade contemporânea

conteúdos conceituais apresentam-se relacionados às questões sobre a vida real. A promoção de uma atitude investigativa e protagonista possibilita que os alunos, por meio da busca de informações sobre um tema social relevante, estabeleçam generalizações e conceitualizações tão necessárias para seu processo de formação acadêmica.

A promoção de uma atitude investigativa e protagonista possibilita que os alunos estabeleçam generalizações e conceitualizações tão necessárias para seu processo de formação acadêmica

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo –, atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho –, atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, de vida. (FAZENDA, 1994, p. 82)

A afirmação de Fazenda sobre a atitude interdisciplinar vem ao encontro da necessidade de promover o encantamento pelo conhecimento. Encantamento que precisa ser resgatado para que a geração Y, conectada com a tecnologia, encontre sentido no processo de aprendizagem.

O trabalho com projetos contribui também para que o aluno tenha um alto nível de envolvimento, principalmente porque se sente responsável e comprometido com seu objeto de pesquisa e as atividades realizadas. Isso favorece que o jovem encontre seu lugar em seu processo de aprendizagem, principalmente porque as propostas são diversificadas e ele percebe que sua contribuição é essencial para o desenvolvimento do projeto.

Diferentemente dos enfoques disciplinares, em que, em geral, o trabalho é centrado no professor, no desenvolvimento de trabalho com projetos interdisciplinares, o aluno busca as informações para selecioná-las, compreendê-las e relacioná-las, transformando-as em conhecimento.

Além dos elementos conceituais no processo de aprendizagem, o trabalho com projetos interdisciplinares favorece a cooperação, a relação mais solidária com seus pares e a conquista da descentração, tão necessárias para a superação do egocentrismo e imediatismo que caracterizam a geração Y.

Vale ressaltar que o desenvolvimento das competências acima citadas está entre aquelas que realmente podem fazer a diferença na formação do jovem. Esta é mais uma evidência da necessidade de o

O trabalho com projetos contribui também para que o aluno tenha um alto nível de envolvimento, principalmente porque se sente responsável e comprometido com seu objeto de pesquisa e as atividades realizadas

professor ser reflexivo e buscar estratégias pedagógicas que atendam às necessidades educacionais dos jovens desta geração.

É fundamental reconhecer que vivemos em um tempo de ressignificações e profundas mudanças, pois a escola precisa reconstruir seu sentido educativo por meio de um trabalho que contemple a interdisciplinaridade e a contextualização, o que significa abrir novas perspectivas, favorecendo um ambiente escolar que forme sujeitos ativos, criativos e mais conscientes de seu papel no mundo contemporâneo.

Sabemos que a utilização de diferentes estratégias de ensino, que contemple o educando em sua totalidade, será um fator com grandes possibilidades de sucesso no resgate do sentido da escola e das aprendizagens que acontecem no interior dela.

Considerações finais

Em um cenário de profundas transformações e avanços tecnológicos, a geração Y vive dificuldades e facilidades ainda não dimensionadas. A escola é o ambiente que pode contribuir para que essa geração administre com propriedade as tarefas que lhe competem nesse mundo complexo e interativo. O maior desafio dos educadores é colocar a experiência vivida, o conhecimento adquirido e a adequação aos processos tecnológicos e comunicacionais existentes para prover as futuras gerações de sentidos que possam instrumentalizá-las a fazer boas escolhas e resolver dilemas dos novos tempos.

Para isso, é essencial que a escola propicie momentos de diálogo e troca de experiências entre os educadores, fomente processos de formação profissional para que os docentes possam refletir sobre como os alunos aprendem e construir propostas que atendam à forma de pensar e aprender deles.

Ao mesmo tempo em que a escola revê seus processos e cria estratégias para o atendimento das necessidades atuais de aprendizagem, é necessário que o professor tenha clareza para rever suas estratégias pedagógicas, superar a fragmentação disciplinar, ressignificar o conhecimento, organizar os conteúdos a partir de uma intencionalidade educativa e contextualizar todos esses momentos pedagógicos com as tecnologias disponíveis e acentuadamente utilizadas pelos alunos. Estes são os grandes desafios do momento.

É imperativo que sejam colocados desafios para que os alunos superem o desinteresse e o descompromisso pela aprendizagem. A necessidade de construir boas alternativas na solução dos problemas, de pensar e agir criativamente são fundamentos essenciais que ultrapassam a superficialidade das informações recebidas, para uma reflexão crítica e mais globalizada do conhecimento. Esta é uma premissa essencial

A utilização de diferentes estratégias de ensino, que contemple o educando em sua totalidade, será um fator com grandes possibilidades de sucesso no resgate do sentido da escola

É essencial que a escola propicie momentos de diálogo e troca de experiências entre os educadores

para a construção de um sentido para a aprendizagem e para a busca do projeto de vida, tão fundamentais na itinerância de cada um de nossos jovens.

Referências bibliográficas

É imperativo que sejam colocados desafios para que os alunos superem o desinteresse e o descompromisso pela aprendizagem

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; JOHNSON, Curtis W. *Inovação na sala de aula: como a inovação de ruptura muda a forma de aprender*. Tradução de Raul Rubenich. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MELLO, G. N. de. *Educação escolar brasileira: o que trouxemos do século XX?* Porto Alegre: Artmed, 2004.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

NOVOA, Antonio (org.). *Vida de professores*. Porto: Ed. Porto, 1992.

OLIVEIRA, Sidnei. *Geração Y: o nascimento de uma nova geração de líderes*. São Paulo: Integrare, 2010.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O Currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ZABALA, Antoni. *Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo: uma proposta para o currículo escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.